

CIDADE DE MAPUTO TEM GENTE A MAIS

• Afluxo do campo e desemprego sobrecarregam infra-estruturas

por Marcelino Silva (texto) Adriano Murato (foto)

N. 2/6/83

A cidade de Maputo conhece, desde os últimos nove anos, um dos maiores excessos populacionais, como resultado da migração contínua do campo para a cidade. Como consequências resultantes deste facto surgem a sobrecarga das infra-estruturas, cuja concepção, datando do tempo colonial, não tinha em vista suportar o número de pessoas que hoje habitam a urbe, e um nível actual do desemprego que atinge já proporções alarmantes.

Para uma cidade concebida para cerca de 500 mil pessoas, hoje vivem nela cerca de um milhão, a maior parte das quais sem nenhum modo de vida. Em alguns casos, numa família, constituída por mais de seis pessoas, só uma é que trabalha.

O fornecimento de água, que nos últimos tempos tem conhecido dificuldades devido à seca, depara com um consumo para que não estava preparado.

QUEM «ALIMENTA» AS BICHAS?

Durante as horas normais de trabalho, os salões de chá apresentavam-se repletos de gente e com bichas que só acabam quando o estabelecimento fecha.

Esta situação resulta do abastecimento carecer de normalização. As pessoas recorrem àqueles estabelecimento para adquirirem este ou aquele produto de consumo imediato. Este facto, por sua vez, é também consequência directa da migração do campo para a cidade, na medida em que os produtos que deviam ser fornecidos pelo campo não aparecem porque lá pouco se produz, e este pouco tem de ser distribuído por um número cada vez maior de habitantes citadinos.

Sobre o assunto constatámos algumas pessoas numa bicha junto ao salão de chá «Scala».

— Apesar de, nesta cidade, termos muitas padarias, o produto que lá se confecciona não chega para todos, dado que, para além de a maior parte

das pessoas, que aqui vive, nada produzir, as quantidades que são importadas não chegam para todos — esta a opinião de Januário Armando, carpinteiro privado, do Bairro de Inhóia.

Mário Francisco, da TEXLUM, a habitar em Malhangalene, manifestou-se favorável à ida para o campo dos não - produtivos, porque as pessoas, quando não trabalham, tornam-se gatumos e marginais, vivendo de assaltos e de outros males.

SETE MESES A ESPERA

— Desde Novembro que estou à espera de conseguir «caminho» para ir para as minas da África do Sul», palavras de Mário António, natural de Bilene-Macia, quando saía da Agência Algos e que levanta um outro problema. Pronunciando-se sobre a vida que tem levado, diz-nos: Temos de fazer biscates para sobreviver.

O problema de migração para as cidades, e neste caso para Maputo, não só cria situações de difícil solução para as estruturas, mas também para as próprias pessoas.